

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Globo Class.: 2003

Data: 25/08/91 Pg.: 28

Índios ianomâmi descendem de asiáticos

01/03/88

LUIZ MALAVOLTA

RIBEIRÃO PRETO, SP — Os índios ianomâmi que vivem na Amazônia e são considerados o povo mais isolado e primitivo do Planeta são parentes dos asiáticos. Embora com tonalidade de pele diferente, os ianomâmis têm o mesmo tipo de DNA (ácido desoxirribonucleico) — o arquivo genético do ser humano — que os chineses e os habitantes da Sibéria, na União Soviética.

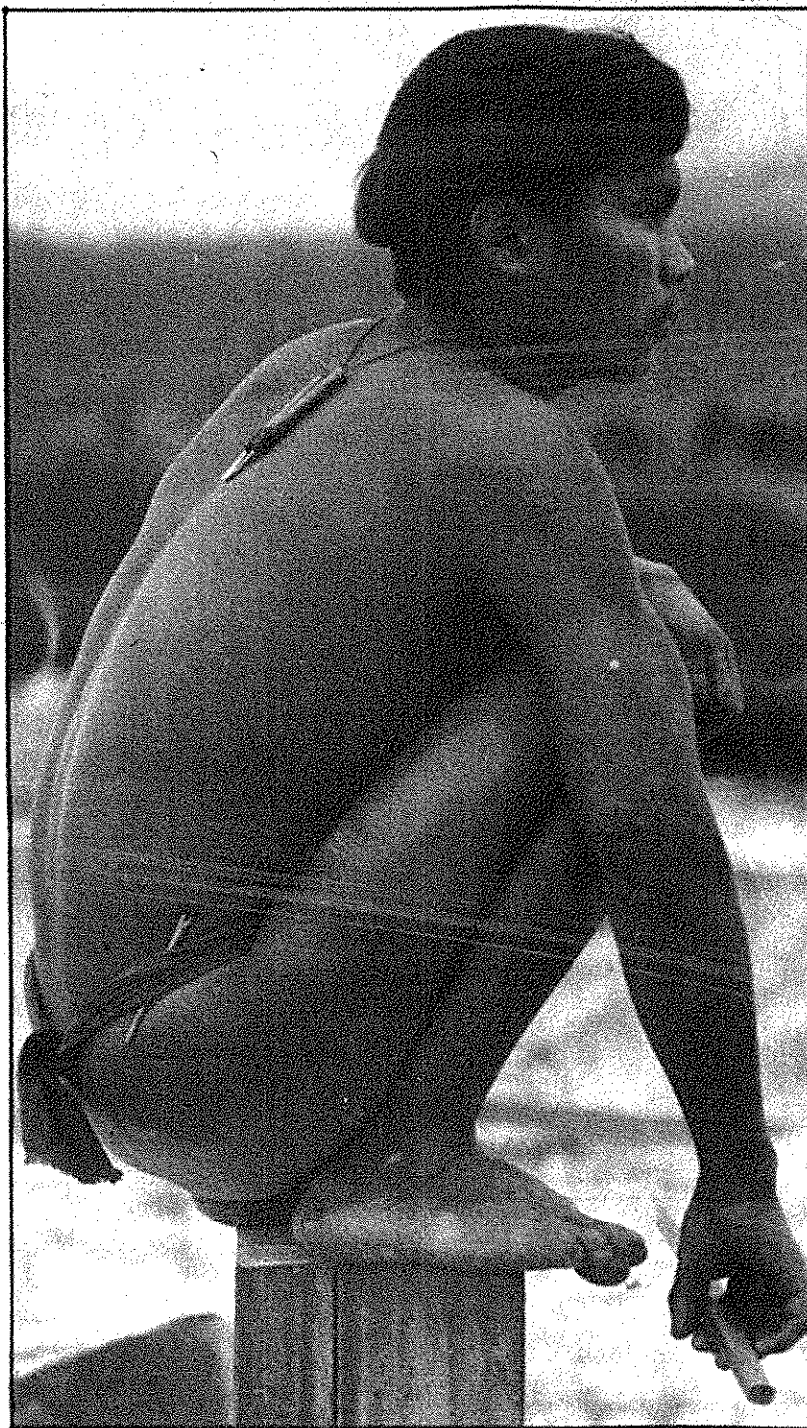
A descoberta foi feita por uma equipe de cientistas da Universidade de São Paulo (USP), em Ribeirão Preto, e da Universidade Federal do Pará, após dois anos de pesquisas de campo e de laboratório, onde compararam os DNAs de 20 tribos indígenas com os de populações de vários pontos da Ásia.

Segundo o coordenador da pesquisa, professor de Genética Médica da Universidade Federal do Pará, João Guerreiro, os índios chegaram à América há aproximadamente 40 mil anos, vindos da Sibéria quando o Estreito de Bering ainda interligava a Ásia com o Alasca.

— Com esse trabalho, confirmamos a antiga teoria de que os primeiros povos do Continente vieram de partes mais antigas do Planeta e que aqui viveram isolados durante milhares de anos — explicou Guerreiro.

Para fazer a pesquisa, os cientistas selecionaram tribos onde seus membros ainda constituem raça pura (ianomâmi, tupi, karib, jê e arawak) e que vivem na Amazônia. Os cientistas coletaram amostras de sangue para examinar o DNA de cada um.

O chefe do Departamento de Biologia Molecular da USP de Ribeirão Preto, Mauro Figueiredo, disse que na comparação constatou-se o parentesco entre os índios e os asiáticos e moradores da Polinésia.



Os índios da tribo ianomâmi conservam intactas as suas características

Testes de DNA desvendam origem de doenças genéticas

Os testes do DNA revolucionaram a genética em todo o Mundo na década de 80, quando se conseguiu desenvolver o processo de análise do ácido desoxirribonucleico. Esse ácido é obtido de amostras de sangue, espermatozoides, fios de cabelo, de ossos e de pele, mesmo de pessoas falecidas há muito tempo. Os testes de DNA são largamente utilizados atualmente, tanto para se descobrir a origem de doenças hereditárias, como para se confirmar a paternidade de crianças.

O Diretor do Laboratório de Biologia Molecular da Universidade de São Paulo (USP) em Ribeirão Preto,

Marco Antônio Zago, lembra que não existe nenhum ser humano com um código genético igual a outro.

— O DNA é como a impressão digital: é o código individual da pessoa. Mas esse código pode determinar parentescos e uma série de coincidências para a identificação do seu portador — explica Zago.

Nos Estados Unidos, os cientistas já pesquisam a cura de doenças através de estudos genéticos. Alguns tipos de câncer podem ser identificados com antecedência, o que permite salvar a vida dos doentes através de tratamentos preventivos.

Tribos imigraram em busca de comida

RIBEIRÃO PRETO, SP — O professor João Guerreiro, da Universidade do Pará, coordenador da pesquisa, acredita que os grupos indígenas brasileiros vieram para a América em busca de comida farta e de condições ambientais mais adequadas à vida. Ele diz com segurança que todos as tribos estudadas, embora com culturas e línguas distintas, tem a mesma origem.

— No exame genético das tribos descobrimos que os índios pertencem a apenas um grupo sanguíneo — O, doador universal —, enquanto as populações brancas têm predominância de tipo A e os negros, tipo B.

O também pesquisador Eduardo José Mello dos Santos, biólogo da Universidade Federal do

Paraná, disse que no seu trabalho estudou processos de mutações entre as tribos wayana-apalai, waiapi e grupos da Ásia e da Polinésia.

— Curiosamente encontramos diferenças entre índios wayana-apalai e waiapi, mas semelhanças destes dois grupos com povos asiáticos e da Polinésia no processo de mutação — disse.

A equipe da USP e da Universidade Federal do Pará deverá continuar as pesquisas por mais dois anos. João Guerreiro informou que o resultado desse trabalho será transformado em livro e também será publicado em todo o Mundo em revistas científicas da Europa e dos Estados Unidos.

Em estudo, origens e lendas amazônicas

A existência do Lago Parime, em Roraima, em cujas margens ficaria o El Dorado, e a origem dos índios ianomâmis são os principais assuntos da pesquisa "Uma luz nos mistérios amazônicos", que o artista plástico chileno Roland Stevenson, especializado em morfologia somática (estudo das formas dos rostos), faz há 14 anos.

O resultado desse trabalho será transformado em livro até o fim deste ano. Para fazer o trabalho ele incluiu pesquisas de antropologia, história, geologia e arqueologia.

A pesquisa relata as origens da Amazônia desde a pré-história até hoje, dando destaque aos ianomâmis, que, para ele, adquiriram traços curiosos, como os olhos azuis, através de miscelagens com espanhóis. Foi através do interesse pelos ianomâmis que Stevenson passou a pesquisar os mistérios da região.

O mais polêmico deles é a existência do Lago Parime ou Manoa. Ele teria mais de 400 quilômetros de diâmetro, ocupando uma área onde hoje está, por exemplo, Boa Vista, a capital de Roraima.

Stevenson baseia sua afirmação em vestígios encontrados na região onde supõe que o lago existiu. Segundo ele, o Parime se extinguiu há cerca de 400 anos.

O pesquisador alega que a melhor prova disso é a superficialidade do lençol freático na área e a descoberta de vestígios do nível da água de um lago extinto sob a forma de uma marca horizontal, a cerca de 120 metros sobre o nível do mar em todas as serras e campos, numa área de 400 quilômetros de extensão.